



UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SOCIEDADE E DESENVOLVIMENTO REGIONAL
(ESR)
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA DE CAMPOS (GRC)

PEDRO VIEIRA SOUZA SANTOS

"PRO BRASIL, O NORTE É INVISÍVEL": A DESIGUALDADE REGIONAL
BRASILEIRA NO RAP DE VICTOR XAMÃ

CAMPOS DOS GOYTACAZES, RJ

2024

PEDRO VIEIRA SOUZA SANTOS

**"PRO BRASIL, O NORTE É INVISÍVEL": A DESIGUALDADE REGIONAL
BRASILEIRA NO RAP DE VICTOR XAMÃ**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao curso de Licenciatura em
Geografia, como requisito parcial para a
conclusão do curso de Licenciatura em
Geografia.

Orientador:

Prof. Dr. Ricardo Luigi (Ricardo Abrate Luigi Junior)

CAMPOS DOS GOYTACAZES, RJ

2024

PEDRO VIEIRA SOUZA SANTOS

**"PRO BRASIL, O NORTE É INVISÍVEL": A DESIGUALDADE REGIONAL
BRASILEIRA NO RAP DE VICTOR XAMÃ**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Instituto de Ciências da Sociedade e Desenvolvimento Regional da Universidade Federal Fluminense como requisito parcial para conclusão do curso de Licenciatura em Geografia.

Aprovado em 15 de agosto de 2024

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Ricardo Abrate Luigi Junior (orientador) – UFF/ Campos

Prof. Dr. Edmilson Antônio Mota (avaliador interno) – UFF/ Campos

Prof^ª. Dra. Maria do Socorro Bezerra de Lima (avaliadora interna) – UFF/ Campos

CAMPOS DOS GOYTACAZES, RJ

2024

Ficha catalográfica automática - SDC/BUCG
Gerada com informações fornecidas pelo autor

S719" Souza Santos, Pedro Vieira
"PRO BRASIL, O NORTE É INVISÍVEL" : A DESIGUALDADE REGIONAL
BRASILEIRA NO RAP DE VICTOR XAMÃ / Pedro Vieira Souza Santos. -
2024.
39 f.

Orientador: Ricardo Abrate Luigi Júnior.
Trabalho de Conclusão de Curso (graduação)-Universidade
Federal Fluminense, Instituto de Ciências da Sociedade e
Desenvolvimento Regional, Campos dos Goytacazes, 2024.

1. Hip Hop. 2. Rap. 3. Desigualdade Regional. 4. Victor
Xamã. 5. Produção intelectual. I. Luigi Júnior, Ricardo
Abrate, orientador. II. Universidade Federal Fluminense.
Instituto de Ciências da Sociedade e Desenvolvimento
Regional. III. Título.

CDD - XXX

Bibliotecário responsável: Debora do Nascimento - CRB7/6368

RESUMO

O presente trabalho visa analisar como as músicas "Calor" e "Aula de Geografia", do rapper manauara Victor Xamã, evidenciam as desigualdades regionais no Brasil. A pesquisa combina uma revisão da literatura sobre o impacto do rap como movimento social com uma análise de textos de geógrafos críticos que discutem a sistematicidade da desigualdade regional. Através de uma investigação das letras, observa-se que as canções de Xamã vão além do mero entretenimento, atuando como poderosas ferramentas de conscientização e debate social. Desse modo, o músico contribui de forma significativa para aprofundar a discussão sobre as disparidades regionais, incentivando a audiência a refletir de maneira mais crítica sobre as questões sociais e econômicas envolvidas, além de ampliar o debate sobre as desigualdades que afetam as diferentes regiões do país para além do Sudeste. Os objetivos do estudo são identificar o rap como parte do movimento hip-hop e como um movimento social; definir o conceito de região e desigualdade regional; e examinar as representações das desigualdades regionais brasileiras nas obras de Xamã, com foco específico nas músicas 'Aula de Geografia' e 'Calor'.

Palavras-chave: Hip hop. Rap. Desigualdade Regional.

ABSTRACT

The present work aims to analyze how the songs "Calor" and "Aula de Geografia", by Manaus rapper Victor Xamã, highlight regional inequalities in Brazil. The research combines a review of the literature on the impact of rap as a social movement with an analysis of texts by critical geographers that discuss the systematicity of regional inequality. Through an investigation of the lyrics, it is observed that Xamã's songs go beyond mere entertainment, acting as powerful tools for raising awareness and social debate. In this way, the musician contributes significantly to deepening the discussion on regional disparities, encouraging the audience to reflect more critically on the social and economic issues involved, in addition to expanding the debate on the inequalities that affect different regions of the country, beyond the southeast.

Keywords: Hip hop. Rap. Regional Inequalities.

SUMÁRIO

1 - INTRODUÇÃO.....	6
2 - HIP HOP, RAP E MOVIMENTO SOCIAL.....	7
3 - REGIÃO E DESIGUALDADE REGIONAL.....	12
4 - REPRESENTAÇÕES DE DESIGUALDADE REGIONAL EM “CALOR” E “AULA DE GEOGRAFIA” DE VICTOR XAMÃ.....	24
5 - CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	34
REFERÊNCIAS.....	36

1 INTRODUÇÃO

O hip hop surgiu em Nova York, na década de 1970, em um contexto de luta por justiça social por parte das comunidades afro-latinas americanas. Desde então, o movimento expandiu-se globalmente, chegando também ao Brasil, ganhando espaço como uma ferramenta de crítica social e expressão cultural, transcendendo para além de sua forma estética e de entretenimento para se estabelecer como um movimento social comprometido com a conscientização e com a valorização das comunidades marginalizadas.

Com o decorrer do tempo, o hip hop passou a englobar pautas para além da periferia, incorporando e abraçando narrativas de grupos socialmente marginalizados. Assim, surgem novos debates sobre outras dimensões de desigualdades sociais, como no caso do rapper amazonense aqui estudado, Victor Xamã, cujas canções, a exemplo de “Calor” e “Aula de Geografia”, mais diretamente abordadas aqui, oferecem uma perspectiva crítica sobre a desigualdade entre as regiões do Brasil.

A partir dessa inspiração, o trabalho tomou forma ao unir o interesse pelo rap com as experiências proporcionadas por meu orientador, que frequentemente utilizava metáforas extraídas de letras de rap para ilustrar conceitos em sala de aula. Foi durante esse processo que fui apresentado ao trabalho de Victor Xamã, até então desconhecido por mim, já que minha familiaridade se limitava ao Xamã do Sudeste. Com isso, nossas reuniões focaram em explorar as obras de Victor Xamã, tornando possível perceber suas ideias de representações em questões de invisibilidades regionais.

A metodologia do trabalho se baseia em uma revisão bibliográfica sobre a região e a desigualdade regional, com base em referências principalmente da Geografia Crítica, o que levou a uma pré-análise das letras do Victor Xamã, uma exploração do material e uma interpretação da mensagem passada pelo músico, encaixando-a, então, às referências teóricas que permitiram compreender a desigualdade regional brasileira.

Com o objetivo de refletir como o rap de Victor Xamã aborda e denuncia as desigualdades regionais no Brasil, e de que maneira suas músicas contribuem para a visibilidade e a compreensão das disparidades socioeconômicas entre as diferentes regiões do país, o presente trabalho está dividido em três seções.

A primeira parte tem como objetivo entender o hip hop, começando com sua origem e proposta, e explorando seus elementos fundamentais. Além disso, discutiremos como o hip

hop e, especificamente, o rap, transcendem o entretenimento para se consolidarem como movimentos sociais.

A seção subsequente tem como objetivo examinar o conceito de desigualdade regional. Iniciaremos com a definição e a conceituação de "região", analisando como o termo é abordado em diferentes correntes de pensamento geográfico, para então compreender a perspectiva de geógrafos críticos acerca da desigualdade regional, considerando o impacto do sistema capitalista sobre tais desigualdades.

A última parte é destinada à trajetória e ao impacto do rapper Victor Xamã no cenário musical brasileiro e na crítica social por meio de suas músicas. Em sua trajetória, destacam-se álbuns e singles que não só consolidaram sua presença no rap, mas que também abordam criticamente a realidade socioeconômica da região Norte. As músicas "Calor" e "Aula de Geografia" são analisadas, para então refletir sobre como Victor Xamã usa sua arte para criticar a invisibilidade e a exploração enfrentadas.

2 HIP HOP, RAP E MOVIMENTO SOCIAL

O hip hop, traduzido de forma aproximada para o português como "mexer o quadril", é um movimento urbano, composto pela união de diversas formas de manifestações, conhecidas como elementos, sendo eles o DJ, MC, Break e Grafite (Teixeira, 2020). O conhecimento aparece como quinto e mais importante elemento:

É por meio destes três elementos, o break, o grafite e o rap que o hip hop apareceu e se difundiu no Brasil e pelo mundo. Eles funcionam como um meio, um instrumento de propagação daquilo que alguns autores denominam o quarto - e, ao nosso ver, mais importante - elemento do hip hop: o conhecimento (Fochi, 2007, p. 64).

Por meio de tais elementos, o hip hop visa ser mais do que apenas entretenimento; busca conscientizar e promover a reflexão sobre questões sociais, especificamente à população periférica:

O hip hop é muito mais que música e dança, muito mais que pular e requebrar - significado literal da tradução em inglês do termo. Ele busca conscientizar, educar, humanizar, promover, instruir e divertir os moradores da periferia, além de reivindicar direitos e o respeito a esse povo (Fochi, 2007, p. 63).

Essa forma de expressão surgiu no Bronx, bairro periférico de Nova York, na década de 70, em meio a um contexto de indignação e busca por justiça social por parte das comunidades afro-latinas americanas (Fochi, 2007, Teixeira, 2020). A formação de periferias, bem como a má qualidade de vida resultante da inexistência de políticas públicas, foram importantes para o surgimento do movimento hip hop como forma de resistência cultural, tanto no Brasil quanto no Estados Unidos:

Ao mesmo tempo em suas vizinhanças eram precarizadas, as pessoas eram também submetidas ao preconceito e racismo, tendo suas culturas vistas como não necessárias para as outras partes da cidade que se compunham de uma urbanidade diferenciada pelo aparato do Estado e pelo poder econômico das classes sociais que nelas residiam. A diferenciação de classe fez com que o movimento hip hop adentrasse na luta por mais espaços por meio da ampliação das condições de vida manifestadas pelas linguagens do desenho, da dança e dos ritmos (Teixeira, 2020, p. 38).

O hip hop não poderia existir da maneira como o conhecemos sem haver uma forte relação com áreas marginalizadas, segundo Souza e Lopes (2004), ou seja, o movimento não apenas é influenciado por esses lugares, mas também se origina de suas experiências, culturas e desafios ali vividos. Desse modo, a relação entre o hip hop e seu espaço de origem é central e fundamental para a compreensão e expressão do movimento.

A distinção fundamental entre o hip hop e muitas outras formas de expressão cultural é que, no movimento em questão, o aspecto político é abordado de maneira intencional. Isso significa que os artistas e participantes são conscientes de que estão usando sua arte como uma ferramenta para levantar questões políticas-sociais (Souza; Lopes, 2004). Sendo assim, através de seus elementos, é possível incorporar narrativas de grupos socialmente marginalizados.

O grafite, um dos elementos constituintes do hip hop, é conhecido como o que representa a expressão artística visual do movimento. Por meio de inscrições, desenhos e pinturas em espaços públicos, muros e edifícios, o grafiteiro torna sua presença sentida. Em entrevista para o site de notícias Hypeness (2015), o grafiteiro Zezão defende que emprega o grafite em lugares rejeitados socialmente como uma forma de transformar o espaço urbano:

(...) sempre gostei de pintar em lugares inóspitos e rejeitados pela sociedade, e por isso sempre fui considerado uma pessoa que anda na “contra-mão”, e desde então, acredito que pude e posso contribuir para que a sociedade olhe com atenção aos lugares emergentes, como as galerias subterrâneas, periferias, patrimônios históricos que estão em total estado de abandono, viadutos, ruas sujas, entre outros lugares. Acredito que levar a minha arte para este lugar é uma maneira de chamar a atenção

de todos e contribuir para que estes espaços fiquem mais alegres e vivos (Hypeness, 2015, s/p).

Ao destacar áreas abandonadas, o grafiteiro chama a atenção para as desigualdades presentes na paisagem urbana e para a importância de trazer atenção a espaços negligenciados pela sociedade. Desse modo, o grafite passou por uma transformação significativa, evoluindo de imagens alegres e irreverentes para retratar a realidade das periferias, sendo produzido por artistas originários dessas comunidades (Fochi, 2007). Percebe-se, então, que assim como a essência proposta pelo movimento, o grafite representa uma ação política, onde a arte é usada para expressar novas perspectivas reflexivas ao experienciar a cidade.

Outro dos elementos que compõem o hip hop é o break. Influenciado por passos das danças afro-americana e africana, o break é a expressão do hip hop por meio da dança:

(...) são os movimentos do corpo, é a busca de uma nova forma de expressão do homem e de ocupação simbólica do espaço urbano por meio do corpo. Movimentos, gestos e ritmos são cadenciados; ora quebrados, ora ágeis; lentos e rápidos; robóticos; milimétricos (Souza; Lopes, 2004, p. 103).

Tal elemento desempenhou um papel essencial nas manifestações contra a Guerra do Vietnã e, ao longo do tempo, evoluiu de forma abrangente, incorporando uma variedade de estilos de danças e pautas adicionais (Teixeira, 2020). Para o hip hop, os movimentos no break simbolizam não apenas uma forma de expressão física, mas também servem como veículo de protesto, visto que “o corpo é o último reduto de resistência, já que é a última coisa que se pode tirar de uma pessoa, e isso só pode ser feito matando ou escravizando a pessoa” (Souza; Lopes, 2004, p. 106).

O DJ (Disc Jockey) é o outro elemento fundamental do hip hop, responsável pelo ritmo, ou seja, ele manipula os equipamentos que produzem as batidas e músicas. Teperman (2015) descreve que os DJs surgem em um contexto no qual imigrantes dos mais variados países, como Jamaica, Porto Rico e Cuba, se concentravam em festas de ruas no Bronx. Ali, através de equipamentos de som instalados na carroceria de carros, eram reproduzidos variados discos de funk, soul e reggae (Teperman, 2015). Com a evolução do hip hop, os DJs, que eram originalmente encarregados principalmente de organizar e controlar as músicas, se aperfeiçoaram e passaram a dominar a arte de mixar e manipular faixas musicais:

Uma característica que marcou a função do DJ dentro do universo hip hop foi a utilização de músicas de outros estilos para a construção de seu referencial - para construção das batidas. Essas músicas eram próximas à realidade do país. Nos EUA, por exemplo, entre os diversos ritmos estavam o funk, o jazz e o soul. No Brasil,

como veremos, há uma mistura ligando a músicas características de cada região em que o rap atua. Por exemplo, elementos específicos como o maracatu no nordeste e mais gerais como a MPB e o samba (Teixeira, 2020, p. 34).

Ainda nos primórdios do movimento hip hop, o DJ desempenhava função ainda mais abrangente, “eles usavam um microfone para "falar" com o público, não só entre as músicas mas também durante a música, como mestre de cerimônia." (Teperman, 2015, p. 17). Com o decorrer do tempo, à medida que o hip hop evoluiu e se diversificou, não sobrava mais tempo para o DJ falar com a plateia, “assim, a função de ‘animador’ da festa passaria a ser desempenhada por um especialista, o Mestre de Cerimônia, ou, em sua versão abreviada, MC” (Teperman, 2015, p. 18).

Dessa forma, com a fundamental tarefa de manter a multidão envolvida, os MCs, último dos elementos tradicionais do hip hop, faziam disputas de rimas, danças e interações com o público, a fim de conquistar a atenção. No decorrer, os mesmos começaram a se especializar em rimas, aperfeiçoando suas habilidades de improvisação e métrica, e aproveitando seu momento no palco para apresentar trechos de músicas previamente pensados e escritos (Teperman, 2015). Isso atraiu a atenção de gravadoras, o que fez com que no final da década de 1970, a mixagem feita pelo DJ junto as letra compostas pelos MCs conquistassem espaço na música:

Foi só no final dos anos 1970, com o surgimento de oportunidades para gravação de discos, que as bases musicais criadas a partir da repetição de trechos (backspin) e os efeitos de arranhar discos (scratch) se fixariam, associadas a versos “falados” previamente escritos e estabilizados como letra de música (Teperman, 2015, p. 21).

A junção dos dois elementos, DJ e MC, constituem a música do hip hop, o rap (do inglês, ritmo e poesia). Conforme Teperman (2015), o rap surge como um gênero musical fortemente influenciado por questões sociais e raciais, funcionando como uma plataforma para expressar experiências pessoais e abordar questões sociais. Sendo assim, as mensagens e os conteúdos presentes nas letras do rap têm por característica essencial um “significativo e contundente conteúdo de crítica social, apontado por vezes na direção da instituição de outras relações sociais e de poder” (Souza; Lopes, 2004, p. 102).

Isso se deve, como descrito por Teixeira (2020), devido ao rap ser “produzido culturalmente pela periferia, constituindo, então, uma estética mediadora de conhecimentos e elaborações geográficas próprias da periferia”. (Teixeira, 2020, p. 8). Assim, as músicas de rap são construídas a partir da exploração das experiências cotidianas vividas pelos artistas em suas periferias. Isso permite que, ao se aprofundar no conteúdo das letras, seja possível

perceber formas como grupos socialmente excluídos lutam para estabelecer suas identidades em diferentes espaços, como eles percebem a si e como são percebidos pela sociedade em geral, bem como as dinâmicas socioespaciais que os afetam.

No Brasil, diversos grupos de rap desempenharam um papel significativo no processo de consolidação do hip hop como uma expressão cultural das periferias, capaz de gerar contestação social. Dentre os grupos, um dos principais é o Racionais MCs, responsáveis pela criação de músicas que abordam temas socialmente conscientes:

(...) a façanha do Racionais e, por extensão, do rap nacional, foi fazer música reivindicando identidades de raça e de classe e convertendo “humilhação em orgulho”. Ao descrever a periferia “de forma positiva, como o espaço da igualdade e da solidariedade, firmadas na miséria e apesar da violência, os rappers puderam “simbolizar a “experiência de desamparo destes milhões de periféricos urbanos [e] forçar a barra para que a cara deles [dos jovens da periferia] seja definitivamente incluída no retrato atual do país (um retrato que ainda se pretende doce, gentil, miscigenado) (Teperman, 2015, p. 68).

Bem como a proposta essencial do rap, o grupo conta com uma variedade de letras com postura crítica e contestadora em relação à classe dominante:

As letras do Racionais atacam a perpetuação da desigualdade, o racismo, a violência policial e outras mazelas da sociedade brasileira. E o fazem assumindo um posicionamento claro numa estrutura de classes, em franca oposição ao que eles próprios entendem como classe dominante (Teperman, 2015, p. 78).

Embora o rap seja incorporado pela indústria da música, se apresentando muitas vezes apenas como diversão, como parte do movimento hip hop, em sua essencialidade, busca transformar a sociedade:

Além de carregar significados, a música também produz significado. E, entre os muitos gêneros que marcam nosso tempo, o rap se destaca como aquele que mais questiona seu lugar social. Por um lado, briga por espaço fonográfico, por outro, é uma música que quer ser mais do que apenas isso: é um movimento, um estilo de vida, quer mudar o mundo (Teperman, 2015, p. 9).

Os artistas de rap capacitam seus ouvintes a resistirem, desenvolvendo um olhar reflexivo capaz de estimular o engajamento ativo na busca por melhores condições sociais. Dessa forma, o rap é caracterizado como parte um movimento de caráter transformador que busca mudanças sociais significativas, partindo do enfrentamento às assimetrias geradas pelo sistema e impulsionando a transformação social (Teixeira, 2020). Ao analisar o hip hop, Fochi (2007) destaca sua natureza como mais do que apenas um estilo estético ou uma forma de

entretenimento; ele o considera um movimento social que visa conscientizar, educar e promover a valorização das comunidades marginalizadas, utilizando elementos culturais como meio para alcançar seus objetivos.

Nessa perspectiva, o rap se apresenta como movimento social, visto que Gohn (2011) define os movimentos sociais como:

"(...) ações sociais coletivas de caráter sócio-político e cultural que viabilizam formas distintas de a população se organizar e expressar suas demandas. Na ação concreta, essas formas adotam diferentes estratégias que variam da simples denúncia, passando pela pressão direta (mobilizações, marchas, concentrações, passeatas, distúrbios à ordem constituída, atos de desobediência civil, negociações etc.) até as pressões indiretas." (Gohn, 2011, p. 335).

Um exemplo dessa dinâmica ocorreu em 1992, quando a Secretaria Municipal de Educação de São Paulo, na gestão de Luiza Erundina, reconhecendo a força do movimento, propôs que alguns rappers - entre os quais os Racionais - realizassem, em escolas da rede pública paulistana, uma série de palestras sobre temas como drogas, racismo e violência policial. O projeto, batizado de Rapensando a Educação, viria a ser reproduzido por dezenas de municípios brasileiros ao longo dos anos seguintes (Teperman, 2015).

Portanto, o rap (e o hip hop em geral) representa, para além da música e de um mero movimento urbano, um movimento social que tem uma forte conexão socioespacial com seu local de origem: a periferia, como bem descreve os autores vistos até aqui. Atualmente, devido sua capacidade de mobilização, o movimento recebe mais e mais pautas de grupos que vão para além da periferia:

A capacidade de mobilização do rap passou a interessar grupos que, até então, haviam tido espaço reduzido no campo. Mais e mais, "minorias", como mulheres, indígenas e homossexuais vêm encontrando espaço de expressão como rappers, inserindo novas reivindicações na pauta e propondo novas elaborações estéticas (Teperman, 2015, p. 10-11).

Essa capacidade de abraçar novas discussões é uma característica importante do rap, que, em seu movimento de expansão por outras periferias do Brasil para além de São Paulo, onde foi seu nascedouro em terras brasileiras, possibilita também novas discussões geográficas, sobre região e desigualdade regional, que serão explorados teoricamente no próximo capítulo e, dentro do rap, no terceiro e último capítulo deste trabalho.

3 REGIÃO E DESIGUALDADE REGIONAL

O hip hop, como movimento social, ao se expandir para outras periferias brasileiras e também para além da periferia, vai incorporando novas pautas. A sua difusão por outras regiões do Brasil não só fez com que temas regionais fossem explorados, mas também jogou luzes sobre a desigualdade regional brasileira. Antes de tratar como isso se deu no rap, para fins de contextualização, serão analisados os conceitos de região e de desigualdade regional, importantes para o embasamento teórico da análise do trabalho do artista amazonense Víctor Xamã, que tocou profundamente nessas feridas em sua obra.

A ideia de organizar informações sobre o território brasileiro, visando o planejamento, surgiu em 1940, por meio do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). No ano seguinte, o IBGE propôs uma forma de dividir o país com base nas características geográficas e respeitando as fronteiras dos estados, sugerindo assim cinco divisões regionais: Norte, Nordeste, Sul, Leste e Centro-Oeste. Em 1969, essa proposta passou por uma revisão, resultando na divisão atual do Brasil, Norte, Nordeste, Sul, Sudeste e Centro-Oeste (ajustada ao longo do tempo devido à criação de novos estados). Essa nova abordagem considerou não apenas as características geográficas e fronteiras estaduais, mas também informações sobre a população e a economia, obtidas por meio de levantamentos estatísticos coletados pelo próprio IBGE (Boscariol, 2017).

Atualmente, existem diversas noções em relação ao termo região. Na linguagem cotidiana ou no senso comum, o termo é empregado como uma referência para indicar a localização e extensão de algo, como se observa em expressões cotidianas, por exemplo, "a região mais carente" ou "a região montanhosa". No contexto das ciências gerais, a região é empregada para descrever a localização de um determinado domínio, seja ele associado a diversas categorias, como o domínio de uma propriedade matemática específica, o domínio de uma determinada espécie em um ecossistema, ou então o domínio de um afloramento geológico (Gomes, 2001). O termo também é bastante usado como forma de divisão administrativa, sendo a divisão regional um meio comum de hierarquia e controle na gestão dos Estados, utilizado desde a Era Moderna:

Desde o fim da Idade Média as divisões administrativas foram as primeiras formas de divisão territorial presente no desenho dos mapas. Ainda que às vezes sob denominações diversas (Régions, na França, Províncias, na Itália ou Laender, na Alemanha), o tecido regional é frequentemente a malha administrativa fundamental que define competências e os limites das autonomias dos poderes locais na gestão do território dos Estados modernos (Gomes, 2001, p. 53-54).

Para a geografia, a abordagem do conceito de região é desafiadora, visto que a tentativa de transformá-la em um campo científico resulta em imprecisões, devido ao seu uso no senso comum. Com isso, muitos geógrafos optam por incluir características específicas na noção de região como uma maneira de distingui-la do entendimento do senso comum:

Na geografia, o uso desta noção de região é um pouco mais complexo, pois ao tentarmos fazer dela um conceito científico, herdamos as indefinições e a força de seu uso na linguagem comum e a isto se somam as discussões epistemológicas que o emprego mesmo deste conceito nos impõe. Uma das alternativas encontradas pelos geógrafos foi a de adjetivas a noção de região para assim diferencia-la de seu uso pelo senso comum (Gomes, 2001, p. 54).

A palavra região tem origem no latim “regere”, sendo inicialmente empregada para designar áreas do Império Romano, que mesmo com a administração local, estavam submetidas às normas gerais de Roma. O conceito de região surgiu, de acordo com Gomes (2001, p. 50-51), como uma “necessidade de um momento histórico em que, pela primeira vez, surge, de forma ampla, a relação entre a centralização do poder em um local e a extensão dele sobre uma área de grande diversidade social, cultural e espacial.”

Com o enfraquecimento do Império Romano, ocorreu uma descentralização do poder em várias regiões, caracterizando o período feudal. Na formação desse contexto, a Igreja exerceu impacto significativo na delimitação regional, ao utilizar a estrutura dessas unidades regionais como base para estabelecer sua hierarquia administrativa. Já com a transição para a modernidade, houve um redirecionamento do poder, novamente em direção à centralização, acompanhado por um discurso unificador essencial para legitimar o Estado emergente. Este discurso visava unificar as distintas regiões, buscando alianças contra ameaças externas nos domínios do comércio, cultura e defesa militar (Gomes, 2001).

Neste contexto, o surgimento dos Estados Modernos e a busca por meios de garantir uma administração mais igualitária em territórios diversos deu-se origem a novos debates sobre o conceito de região. Essas discussões desempenharam um papel fundamental no desenvolvimento da geografia como disciplina, destacando a importância da compreensão regional para a construção de estruturas políticas:

Este período da formação dos Estados-Modernos assistiu, pois, ao renascimento das discussões em torno dos conceitos de região, nação, comunidades territoriais, diferenças espaciais etc. Foi também neste momento que em um campo disciplinar especificamente geográfico começou a tomar forma, aí incluindo exatamente este tipo de questão e de conceitos (Gomes, 2001, p. 52).

Já no século XIX, embora a geografia não tivesse amplo reconhecimento, a geologia já incorporava o conceito de região. Com base em elementos naturais, como rios, relevo e climas, emergia a noção de região natural, sendo sustentado o entendimento de que "a influência da região natural é crucial na moldagem de uma sociedade" (Gomes, 2001, p. ?). Tais ideias desencadearam uma série de debates que exploravam sobre até que ponto o ambiente natural determina a sociedade.

Em rejeição a esses pensamentos, a escola francesa emprega o possibilismo como uma resposta, partindo da premissa de que as regiões não são simplesmente unidades físicas predefinidas, mas sim resultados da influência da ação humana, estilos de vida e cultura em um ambiente específico:

A região natural não pode ser o quadro e o fundamento da geografia, pois o ambiente não é capaz de tudo explicar. Segundo esta perspectiva "possibilista", as regiões existem como unidades básicas do saber geográfico, não como unidades morfológicas e fisicamente pré constituídas, mas sim como o resultado do trabalho humano em um determinado ambiente. São assim, as formas de civilização, a ação humana, os gêneros de vida, que devem ser interrogados para compreendermos uma determinada região. São eles que dão unidade, pela complementaridade, pela solidariedade das atividades, pela unidade cultural, a certas porções do território (Gomes, 2001, p. 56).

Surge daí a chamada região geográfica, caracterizada como uma "unidade superior que sintetiza a ação transformadora do homem sobre um determinado ambiente" (GOMES, 2001, p. 56). Esse contexto resultou em uma diversidade de pesquisas que se concentraram em estudar e entender as características específicas de diferentes regiões, levando em consideração o clima, relevo, população e atividades econômicas.

Na geografia alemã, Alfred Hettner foi um grande precursor da noção de região geográfica. Para ele, a obtenção de conhecimento ocorria por meio da descrição e interpretação, sendo estas essenciais para compreender as particularidades e contextos singulares de cada região (Gomes, 2001). Desse modo, a geografia passa a não ser apenas uma disciplina que descreve as paisagens, mas sim uma ciência que interpreta tais paisagens como resultado de processos mais complexos.

Essa abordagem conhecida como geografia clássica, predominou por um período de tempo, passando por uma reformulação significativa na década de 50 com o advento da chamada geografia crítica. Para essa perspectiva, a geografia clássica possuía caráter excepcionalista, pois viam os fenômenos geográficos como únicos e sem conexões com as interações sociais:

O argumento fundamental desta crítica é a de que em um mundo sem teorias, sem modelos, todos os fatos são únicos. A geografia assim, através desta perspectiva regional-descritiva, jamais teria alcançado o estatuto verdadeiramente científico, pois se limitava à descrição, sem procurar estabelecer relações, análises e correlações entre os fatos. (Gomes, 2001, p. 62).

Ou seja, a geografia clássica se restringia em descrever o que era observado, em vez de procurar compreender as relações dos diversos fenômenos geográficos. Nesse sentido, a geografia crítica ressalta a importância de uma definição precisa do significado, dos critérios e da natureza de uma região para que esta seja reconhecida como um conceito científico. Com isso, a região passa a ser considerada um instrumento de análise e não mais um resultado final:

É neste sentido que a região passa a ser um meio e não mais um produto. A variabilidade das divisões possíveis é quase infinita, pois são quase infinitas as possibilidades dos critérios que trazem novas explicações, tudo depende da demonstração final a que se quer chegar. Na medida em que os critérios de classificação e divisão do espaço são uniformes, só interessa neste espaço aquilo que é geral, que está sempre presente (Gomes, 2001, p. 63).

Gomes (2001) evidencia que a partir dessa perspectiva, surgiram dois tipos fundamentais de regiões: as regiões funcionais e as regiões funcionais ou polarizadas. A primeira ideia descreve sobre a semelhança entre aspectos físicos, demográficos e econômicos, que quando analisados faz-se possível dividir áreas em regiões, onde essas características são semelhantes. Já as regiões funcionais são áreas geográficas nas quais as relações e interações entre diferentes locais são um aspecto fundamental da sua organização:

Quanto às regiões funcionais, a estruturação do espaço não é vista sob o caráter da uniformidade espacial, mas sim das múltiplas relações que circulam e dão forma a um espaço que é internamente diferenciado. Grande parte desta perspectiva surge com a valorização do papel da cidade como centro de organização espacial. Desta forma, as cidades organizam sua hinterlândia (sua área de influência) e organizam também outros centros urbanos de menor porte, em um verdadeiro sistema espacial (Gomes, 2001, p. 64).

Na visão das regiões funcionais, destaca-se uma ênfase na vida econômica como o principal agente por trás das interações e fluxos regionais. Sendo assim, teorias econômicas, principalmente as associadas ao desenvolvimento capitalista, são comumente empregadas para fundamentar essa dinâmica.

Em prol disso, na década de 1970, surgem críticas contra a abordagem de regiões funcionais baseadas em modelos econômicos neoclássicos. Tais modelos, utilizam noções como rentabilidade e mercado para justificar a funcionalidade das regiões, desse modo, “ao

assumir a dinâmica de mercado como pressuposto da organização espacial, estes modelos “naturalizaram” o capitalismo, como a única forma possível de conceber o desenvolvimento social” (Gomes, 2001, p. 65). Tendo base nessas ideias, os críticos a esse modelo argumentam que ao criar regionalizações fundamentadas nessas ideias, a geografia estaria contribuindo para a geração de um desenvolvimento espacial desigual.

Desta forma, essa corrente crítica, conhecida como geografia radical, alega que a diferenciação espacial vai além de características físicas ou econômicas isoladas, sendo profundamente influenciada pela divisão territorial do trabalho e pelo processo de acumulação capitalista. Para os geógrafos críticos, a região é concebida como uma formação socioespacial, moldada pelas relações sociais, econômicas e políticas específicas a um determinado momento histórico. Nessa visão, as regiões não são meramente áreas geográficas com características semelhantes, mas representam produtos históricos dos diferentes modos de produção, cada um apresentando suas próprias formações socioeconômicas (Gomes, 2001).

Compreendendo a complexidade do conceito de região ao longo do tempo, desde suas raízes no Império Romano até as diversas abordagens na geografia moderna, é possível conectar essa evolução ao debate contemporâneo proposto pela geografia radical sobre o desenvolvimento regional desigual. As reflexões apresentadas por Gomes (2001) destacam como as concepções de região foram moldadas por fatores históricos, sociais e econômicos, influenciando, por sua vez, o desenvolvimento espacial. Nesse sentido, ao explorar as diferentes perspectivas sobre o conceito de região, torna-se crucial considerar como essas ideias se entrelaçam com as teorias econômicas e políticas.

Peck (2022), ao enfatizar a importância de discutir o desenvolvimento desigual na economia política, amplia esse debate. A perspectiva marxista abordada por ele, destaca as desigualdades intrínsecas nas sociedades capitalistas, incluindo diferenças entre classes, empresas, cidades e regiões. Isso se traduz na ideia de que algumas áreas experimentam crescimento econômico, enquanto outras enfrentam o declínio. Sendo assim, essas disparidades são resultado de práticas político-econômicas, onde certas regiões são exploradas, enquanto outras são negligenciadas:

Quando refere-se a uma escala subnacional de cidades e regiões, o desenvolvimento desigual remete a uma economia em desequilíbrio, caracterizada pela coexistência dinâmica de crescimento regionalizado e declínio localizado, pela lógica “slash and burn” da colonização político-econômica e do abandono, por interações desiguais e relações de poder assimétricas entre centros e periferias e por formas variegadas de des/conexão com a matriz do desenvolvimento econômico transnacional (Peck, 2022, p. 7).

Nessa perspectiva, o desenvolvimento desigual implica em relações desproporcionais de poder entre áreas mais desenvolvidas e menos desenvolvidas, juntamente com conexões assimétricas com o sistema econômico global. Desta forma, diferentemente de serem percebidas como fenômenos temporários, essas disparidades são consideradas como elementos persistentes e essenciais no desenvolvimento do sistema capitalista (Peck, 2022).

Transpondo esse entendimento para o contexto brasileiro, Bacelar (2000) examina a evolução econômica do Brasil ao longo do tempo, evidenciando mudanças significativas nas bases produtivas do país. Inicialmente, as atividades econômicas eram espalhadas nas diversas regiões brasileiras, tendo como base o produto que seria exportado. Desse modo, as dinâmicas econômicas não aconteciam ao mesmo tempo, ou seja, a economia açucareira no Nordeste poderia estar em dificuldades, enquanto a economia do café no Sudeste estava prosperando. Já no decorrer do século XX, houve uma transformação notável, com uma moderna base industrial emergindo e concentrando-se especificamente no Sudeste:

As antigas bases primário-exportadoras eram dispersas em diversas regiões do País, tendo, associadas a elas, as indústrias tradicionais. A moderna e ampla base industrial, montada no atual século, ao contrário, tendeu a concentrar-se, fortemente no Sudeste, que, com 11% do território brasileiro, respondia, em 1970, por 81% das atividades industriais do País, sendo que São Paulo, sozinho, gerava 58% da produção existente (Bacelar, 2000, p. 73).

De acordo com Bacelar (2000), a demanda interna foi o principal fator que impulsionou a industrialização do Brasil. Na década de 1930, o Estado brasileiro começou a intervir na economia, criando políticas de incentivo à industrialização, o que fez com que a demanda por produtos industrializados crescesse, estimulando a instalação de novas fábricas em diversas regiões do país. Esse processo contribuiu para a integração das diferentes regiões brasileiras e para a formação de um mercado interno. Nesse sentido, com o desenvolvimento de estradas e melhores condições de comunicações, as regiões passaram a depender mais uma das outras, fazendo com que o desempenho de certas regiões passasse a afetar as outras de maneira mais direta.

Nas décadas recentes, houve uma tendência ao movimento de desconcentração espacial da produção nacional brasileira. Esse movimento começou a ser observado com a ocupação da fronteira agrícola nas regiões Sul, Centro-Oeste, Norte e parte do Nordeste. A partir dos anos 70, se estendeu à indústria, com a busca de novas localizações para o desenvolvimento industrial em várias regiões menos desenvolvidas do país. Esse fenômeno reduziu a concentração da produção do Sudeste, a queda da importância relativa de São Paulo

na produção industrial e o aumentou a importância do Nordeste, Norte e Centro-Oeste na produção nacional:

O resultado é que, embora a produção do país ainda apresente um padrão de localização fortemente concentrado, em 1990 a concentração era menor que nos anos 70. Entre 1970 e 1990, o Sudeste cai de 65% para 60% seu peso no PIB brasileiro, enquanto o Sul permanece estável, respondendo por cerca de 17% da produção nacional, mas o Nordeste, Norte e Centro-Oeste ganham importância relativa (juntos, passam de 18% para 23% sua participação no PIB do Brasil) (Bacelar, 2000, p. 74).

Embora a produção nacional tenha se expandido para além do Sudeste, diversos estudos destacam o aumento das disparidades internas entre as macrorregiões brasileiras. Nesse sentido, Bacelar (2000, p. 74) destaca que “as regiões se integram à mesma lógica da acumulação enquanto ficam mais complexas e diferenciadas internamente.”

Nos anos 1990 houve transformações importantes na dinâmica econômica brasileira. A rápida e intensa abertura comercial destacou-se como um dos principais fatores dessa transformação, reconfigurando não apenas as relações comerciais do Brasil com o mundo, mas também tendo implicações profundas na dinâmica interna do país. A abertura representou uma série de iniciativas, incluindo a priorização à integração competitiva e reformas na atuação do Estado. Dessa maneira, surgiram "focos exportadores", nos quais determinadas regiões poderiam se especializar em atividades de exportação, promovendo, assim, uma desconcentração espacial das atividades econômicas. Esse movimento foi impulsionado não apenas pelas mudanças tecnológicas, que reduziram os custos de investimento, mas também pela crescente importância da logística nas decisões de localização empresarial. A proximidade com o cliente final tornou-se um elemento crucial em diversas atividades, estimulando a instalação em diferentes partes do país. Os governos locais, reconhecendo o potencial dessa descentralização, passaram a oferecer incentivos para atrair investimentos e estimular o desenvolvimento regional (Bacelar, 2000).

No entanto, mesmo com a indução à desconcentração espacial, outras forças atuaram no sentido oposto, concentrando investimentos em áreas já dinâmicas e competitivas. Novos requisitos locacionais da acumulação flexível, como a oferta de recursos humanos qualificados e uma infraestrutura econômica eficiente, tornam certas áreas mais atraentes para investidores

Enquanto isso, outras forças atuam no sentido da concentração de investimentos nas áreas já mais dinâmicas e competitivas do país. Atuam nesse sentido, em especial, os novos requisitos locacionais da acumulação flexível, como: melhor

oferta de recursos humanos qualificados, maior proximidade com centros de produção de conhecimento e tecnologia, maior e mais eficiente dotação de infraestrutura econômica, proximidade com os mercados consumidores de mais alta renda (Bacelar, 2000, p. 74).

Nota-se então que a prioridade passa a ser fazer com que tais “focos exportadores” se destaquem na economia global. Nesse sentido, o governo, que desempenhava um papel ativo nesse processo, através de políticas específicas para as regiões, juntamente com o controle das empresas estatais, passa a ser cada vez mais ausente. Como resultado, as decisões estão sendo influenciadas principalmente pelo mercado, deixando claro a negligência governamental em relação aos planejamentos para o desenvolvimento nas diferentes regiões.

Partindo dessa lógica, Peck (2022) aponta que o desenvolvimento desigual entre diferentes regiões não é algo aleatório, mas sim produzido e reproduzido pelo próprio sistema capitalista. Deste modo, a acumulação de capital e a miséria estão interligadas e concentradas em espaços específicos, ou seja, áreas onde há um grande crescimento econômico muitas vezes também apresentam desigualdades sociais e pobreza - “a quebra em um local e o boom em outro são ambas manifestações da mesma macrodinâmica” (Peck, 2022, p. 11). Esse processo, demonstra a necessidade constante do capital por "ajustes espaciais", a fim de evitar estagnação, movendo-se de locais saturados para novas frentes de acumulação:

Esses são motores da destruição criativa como um processo geográfico. A necessidade insaciável do Capital por “ajustes espaciais” resulta numa suscetibilidade não apenas à inércia, mas à estagnação, contra a qual “crises de transição” cada vez mais violentas buscam sair de locais expropriados, onde o crescimento do lucro e da produtividade atingiram seus limites, abrindo novas frentes de acumulação (Peck, 2022, p. 11).

Desse modo, a desigualdade regional demonstra não ser apenas um subproduto indesejado do crescimento capitalista, mas sim algo fundamentalmente incorporado e reproduzido nas interações sociais e econômicas do capitalismo. De acordo com Smith (1984), o desenvolvimento regional desigual ocorre pois o Capital ao mesmo tempo que é investido em algumas regiões para lucrar e expandir-se, é retirado dessas mesmas regiões para buscar lucros maiores em outras regiões:

O capital está continuamente investido no ambiente construído para produzir mais-valia e expandir a própria base do capital. Mas, igualmente, o capital é continuamente retirado do ambiente construído para que possa se movimentar para outro lugar e tirar proveito de margens de lucro mais altas (Smith, [1984] 2008, p. 208 e 6).

Smith compara essa dinâmica a uma "gangorra" do Capital, que está sempre em busca dos maiores retornos, consumindo recursos em um local e depois mudando-se para outro:

(...) produtores e exploradores da “superfície do lucro” em transição, constantemente recalculando, reorganizando e então fluindo na direção dos mais altos retornos — um fenômeno especialmente evidente nas escalas urbana e regional. Como uma praga de gafanhotos, o capital desceria a um local, devoraria tudo de valor e depois seguiria em frente. No meio-tempo, “no processo de restauração de si mesma depois de uma praga, a região se faz madura para outra”¹⁹ (Smith, [1984] 2008, p. 202).

Assim, esse ciclo deixa as regiões esgotadas e prontas para futuras explorações, estabelecendo um padrão de desenvolvimento intenso em um lugar e de subdesenvolvimento em outros.

A respeito dos investimentos em indústrias privadas, estas tendem a ser espacialmente seletivas, ou seja, privilegiam “alguns espaços específicos nas diversas regiões, tornando-as extremamente heterogêneas, na medida em que não se difundem pelo resto dos espaços regionais” (Bacelar, 2000, p. 80). Somado a isso, existe uma divisão espacial do trabalho, que influencia a localização desses investimentos, delineando padrões de localização que refletem as características de cada segmento industrial. Nesse sentido, investimentos em setores considerados como “indústria pesada”, preferencialmente se concentra no Sudeste, já outras regiões, impulsionadas por fatores específicos, recebem investimentos em indústrias de padrão mais desconcentrado:

Quando se examina a localização regional preferencial desses diversos segmentos da indústria, percebe-se que há, sem dúvida, uma divisão espacial de trabalho que induz os investimentos do grupo metal-mecânica, automobilística e química, os segmentos básicos da chamada indústria pesada, para o Sudeste e, simultaneamente, possibilita a indústria de minerais não-metálicos, geralmente de um padrão de localização mais desconcentrado, e a indústria têxtil, produtos alimentares e bebidas, e papel e celulose, além da indústria eletro-eletrônica e material de comunicações, por razões muito específicas (Zona Franca de Manaus), para as demais regiões (Bacelar, 2000, p. 81).

Sendo assim, os investimentos industriais, predominantemente privados, apontam para uma concentração das atividades econômicas no Sudeste brasileiro, tornando perceptível uma seletividade na distribuição de investimento em território nacional. Desse modo, as atividades que definem a dinâmica econômica do Brasil predominam no Sudeste, enquanto setores industriais de menor intensidade de capital estão presentes em estados específicos menos industrializados.

Peck (2022) discute as ideias da geógrafa britânica Doreen Massey sobre a divisão espacial do trabalho e sua abordagem em relação às dinâmicas regionais. Massey, não foca exclusivamente nas dinâmicas singulares do capitalismo, mas sim em uma compreensão mais ampla das relações desiguais e assimétricas entre regiões sede, instalações administrativas e filiais de empresas multinacionais, e as diferentes formas de reorganização que elas podem adotar. A concepção de Massey sobre divisões espaciais do trabalho é descrita como mais do que simplesmente a criação de novos padrões ou uma reorganização superficial. Em seu argumento, as regiões ocupam posições únicas em divisões de trabalho mais amplas. Suas culturas políticas, perfis de classe e gênero refletem os efeitos cumulativos dos papéis históricos que esses lugares desempenharam em várias redes de produção e ciclos de acumulação:

Para Massey, as regiões ocupam posições únicas em divisões de trabalho mais amplas, suas culturas políticas e perfis de classe e gênero refletindo (de forma “sedimentada”) os efeitos cumulativos da sucessão de papéis históricos que aqueles lugares ocuparam em diferentes redes de produção, hierarquias corporativas, indústrias, carteiras de investimentos e “rodadas de acumulação”. Cada rodada de acumulação (ou padrão de investimento em, digamos, engenharia pesada ou serviços administrativos) é associada a geografias lucrativas particulares, emergentes da produção e do emprego (Pek, 2022, p. 11-12).

Nessa perspectiva, as regiões são consideradas como únicas dentro da divisão do trabalho, cada uma com sua história e com suas características, mas interconectadas em um jogo dinâmico e complexo de desenvolvimento econômico.

A partir do estudo feito pelo Instituto Brasileiro de Geografia Estatística (IBGE), podemos ver o impacto dessas relações. Os dados enfatizam que a maior concentração de pessoas vivendo em situação de pobreza no Brasil é observada na região Nordeste, representando cerca de 47,9% do total; a região Norte também apresenta um índice significativo nesse âmbito, correspondendo a 26,1% da concentração de pobreza no país. A desigualdade no Brasil é notavelmente influenciada pela região Sudeste, conforme apontado pelo IBGE. Isso se deve à elevada concentração populacional nessa região, que acaba por centralizar uma parcela significativa da renda nacional, em detrimento da população com renda inferior (Fecop, 2020).

Em decorrência deste cenário, recentemente o governador de Minas Gerais, Romeu Zema, em entrevista para o G1 - portal de notícias da Globo, mencionou a formação de uma aliança entre os estados das regiões Sul e Sudeste, visando ter uma influência maior em votações na Câmara dos Deputados. Ele argumentou que, apesar de representarem 56% da

população brasileira, essas regiões estariam em desvantagem devido à falta de cooperação entre elas, enquanto outras regiões, mesmo com menor representatividade populacional, conseguem aprovar projetos em Brasília por se unirem.

Como resposta, o Consórcio Nordeste, que reúne os governadores dos estados nordestinos, criticou as declarações de Zema, alegando que o mesmo demonstra uma visão preocupante do Brasil ao enfatizar o protagonismo do Sul e Sudeste, sugerindo um movimento de tensão com o Norte e o Nordeste. Eles negam qualquer intenção separatista, afirmando que a união regional do Nordeste busca fortalecer a cooperação entre os estados, contribuindo para o desenvolvimento e a redução das desigualdades. Governadores e autoridades do Nordeste, como a governadora de Pernambuco, Raquel Lyra, e o prefeito do Recife, João Campos, também se pronunciaram, defendendo a importância do Nordeste no cenário nacional, destacando a necessidade de superar as desigualdades regionais e defendendo a participação ativa da região no desenvolvimento do país (G1, 2023).

A partir disso é necessário refletir sobre a preocupação expressa por Barcelar (2023) que nos diz que essa concentração de investimentos, se levada ao extremo, pode resultar na fragmentação do país. Isso ocorreria à medida que os agentes privados, guiados por suas estratégias empresariais, ignoram espaços que não são competitivos ou estão passando por processos intensos de reestruturação. Desta forma, essa situação pode deixar muitos brasileiros em regiões menos atraentes economicamente, em situações desfavoráveis, excluídos dos benefícios do dinamismo econômico concentrado.

Com base no que foi citado, é possível compreender a assimetria inerente ao estilo de crescimento econômico global, onde os atores globais demonstram um interesse marcado apenas nos espaços considerados competitivos no Brasil. Esse interesse, muitas vezes baseado em motivações privadas, parece negligenciar os interesses nacionais mais amplos o que, por sua vez, acarreta na tendência de aprofundar as diferenciações regionais, criando uma realidade em que certas regiões são destacadas como "focos de competitividade e dinamismo", enquanto outras são negligenciadas na condição de não competitivas.

A análise dos conceitos de região e desigualdade, sob a perspectiva da Geografia Crítica, estabelece base para a compreensão das representações dessas desigualdades nas obras de artistas como Victor Xamã. No próximo capítulo, será discutido a forma como as músicas de Xamã não apenas refletem, mas também denunciam as desigualdades socioeconômicas entre as diversas regiões do Brasil. Suas letras se tornaram um veículo para dar visibilidade à marginalização de certas áreas, promovendo um diálogo essencial sobre a luta por justiça social, característica intrínseca ao movimento hip hop desde suas origens.

4 REPRESENTAÇÕES DE DESIGUALDADE REGIONAL EM “CALOR” E “AULA DE GEOGRAFIA” DE VICTOR XAMÃ

Victor Xamã, também chamado de "Garcia RG", originário de Manaus, Amazonas, emerge com destaque no cenário do hip hop nacional e nortista. Em sua entrevista para o podcast Hip Hop DX Brasil (2023), o artista compartilhou detalhes de sua infância, revelando que cresceu no Conjunto Parque das Palmeiras, situado no bairro Flores, em Manaus. Tal localidade permitiu a Xamã um contato único com a vastidão da floresta amazônica, oferecendo-lhe experiências singulares e uma infância imersa na natureza e na simplicidade. Sua perspectiva de vida era moldada pelo desejo de se tornar biólogo ou pintor. Contudo, o curso de sua vida tomou um rumo diferente com a entrada do rap em seu caminho, e o impacto do gênero urbano lhe levou a explorar novas narrativas e a expressar suas próprias vivências a partir da música.

Além de sua carreira solo, Xamã também faz parte do grupo “Qua\$imorto”, uma colaboração que contribuiu para a cena musical nortista, com toda produção composta por artistas da região (HHDX Brasil, 2023). Em sua biografia no Spotify¹ o artista reconhece sua contribuição e descreve brevemente sobre suas principais obras:

(...) um importante nome do hip hop nacional, artista natural de Manaus, que desbravou o cenário do rap independente com trabalhos como "Janela" (2015) seu primeiro álbum, seguido de "V.E.C.G" (2017) e o visionário EP "Calor" (2021) lançado durante a pandemia, que alcançou milhões de streams nas plataformas digitais. Entre singles, EPs e álbuns, o artista se consolidou no cenário nacional, estourando a bolha local que lhe deu a primeira oportunidade de visibilidade. Sem abandonar as raízes, o artista compõe e canta sobre a realidade do mundo e de suas vivências, onde no dia 31 de março de 2023 lançou seu mais novo álbum intitulado "Garcia", com um conceito íntimo e pessoal nunca antes visto em suas composições, um álbum colaborativo que tem diversos artistas e produtores, e que promete alavancar o artista manauara para rodar o Brasil (Spotify, 2024, s/p).

As considerações sobre as desigualdades regionais levantadas até aqui, refletem-se nas obras de Victor Xamã, notavelmente em suas músicas "Calor" e "Aula de Geografia". Ambas as faixas chamam atenção por sua consciência e crítica sobre as disparidades socioeconômicas entre as diferentes regiões do Brasil. De acordo com as pontuações apresentadas por Bacelar (2000) e Peck (2022), torna-se evidente que as disparidades regionais não apenas persistem, mas também assumem caráter sistemático, desempenhando um papel fundamental no

¹ Serviço de streaming de música lançado em 2008, na Suécia.

dinamismo e no desenvolvimento do sistema capitalista. Nesse contexto, surge a indagação sobre a alusão às desigualdades regionais nas duas letras de Victor Xamã.

Ao realizar uma análise histórico-geográfica da região Norte do Brasil, destaca-se que sua ascensão ao cenário capitalista mundial se verificou notadamente a partir do século XIX, período marcado pela significativa relevância econômica, oriunda do ciclo extrativista da borracha, que teve importância para efetivar a sociedade capitalista no Norte, conseqüentemente também, no dinamismo de desigualdade resultante pelo mesmo processo.

O princípio de ocupação da região Norte, partindo do pressuposto de uma sociedade colonial, repercutiu após diversas tentativas de ocupação, tanto por holandeses quanto por portugueses. A narrativa discutida por Leal (2000) relata que, desde os primeiros contatos registrados, como a chegada de Pinzón em 1499 à foz do rio Amazonas, até as expedições posteriores, lideradas por figuras como Diego de Lepe em 1500 e Diego de Ordaz em 1531, a região testemunhou tentativas falhas de desbravamento. Somente a expedição de Francisco de Orellana, em 1542, juntamente com Usua e Aguirre, anos depois, que verdadeiramente revelaram a extraordinária riqueza amazônica, marcando também os primeiros conflitos violentos e os saques contra os povos nativos, em conformidade com a tradição colonial ibérica.

Esses eventos não apenas ilustram a complexidade inicial da história nortista, mas também as ambições da sociedade colonial que buscava afirmar seu domínio sobre tal território. Como destacado por Silveira (2007), a Amazônia assume um papel para além de uma mera região geográfica, visto uma profunda construção simbólica e imaginária que idealiza, ao longo da história, terra mítica e maravilhosa, sempre disposta a ser conquistada e colonizada:

A Amazônia, como parte de uma América travestida de Índias, emerge para a história como uma idealização do pensamento ocidental muito antes do seu descobrimento físico e cultural. Nasce da procura desenfreada do País das Canelas e do Eldorado pelos conquistadores espanhóis já nos primeiros tempos da conquista. Não seria demais afirmar que antes de ser uma realidade "geográfica, militar e econômica", foi para conquistadores, evangelizadores e cientistas uma construção imaginária e simbólica. O maravilhoso foi e continua sendo um componente importante no enredo de sua história; são muitos os que se dirigem para o seu interior movidos pelo sonho mítico da abundância, da riqueza e da liberdade (Silveira, 2007, p. 6).

No século XVII, uma rivalidade mercantilista entre ingleses, holandeses e portugueses emergiu no Norte brasileiro. Tal disputa ameaçava os interesses portugueses, levando-os a fundar a cidade de Belém, em 1616, para proteger suas posições. Os violentos conflitos,

acompanhados de ações missionárias a fim de converter e submeter os indígenas, acompanharam esse processo (Leal, 2000). Desse modo, durante o século XVII e início do XVIII, o modelo de exploração portuguesa no Norte passou por uma mudança em direção ao extrativismo, concentrando-se principalmente na obtenção de recursos naturais sustentada pela imposição do trabalho escravo indígena, prática predatória que resultou em devastação e até em extinção de várias tribos:

O caráter atrasado do desenvolvimento das forças de produção entre os ibéricos, para aquele momento de avanço científico e tecnológico da Europa, devido sobretudo à presença e ação da Igreja na sua formação histórica e na mentalidade social, acabou por se refletir na imposição, na Amazônia, de uma estratégia produtiva extrativista, com a coleta das drogas do sertão. Para isso, os colonos portugueses reproduziam aqui o parasitismo característico da sua formação social, constituindo-se em uma classe preguiçosa, apoiada sobre a exploração desumana do trabalho do índio. Dada, porém, a enorme fertilidade natural e farta extensão de território, o exercício dessa exploração era prejudicado pela recusa do nativo em submeter-se a ela. A saída, pois, era tentar escravizá-lo, ao que, ainda mais uma vez, ele, elemento livre, resistia (Leal, 2000, p. 4).

Esse dinamismo apresentou mudanças significativas somente com a ascensão do capitalismo e da sociedade industrial. Com a liderança da Inglaterra, o mundo colonial ibérico passou a ser influenciado e enfraquecido pelo então novo modelo de produção. Desse modo, o Norte brasileiro passa a ser objeto de estudo, visto que “as características naturais da Amazônia associadas à intenção de controlá-la, por parte das potências capitalistas da época, devido ao potencial de contribuição à acumulação que a região representava” (Leal, 2000, p. 19).

Nesse contexto, com o objetivo de suprir as necessidades das indústrias automobilísticas europeias, o Brasil passa a contar com forças estrangeiras para maximizar sua produção gomífera. Assim, a borracha amazônica emerge como grande matéria prima para a acumulação, visto que, embora encontrada em outros países, era nas seringueiras brasileiras que ela estava em quantidades e qualidade significativas (Leal, 2000). Tal período de exploração econômica representou intensa expansão urbana, adjunto do movimento populacional principalmente para as duas principais capitais nortistas, Manaus e Belém (Scudeller e Silva, 2022).

A presença do Estado no primeiro ciclo gomífero foi representada como um ator que interferiu na dinâmica socioeconômica da região, influenciando tanto na ocupação do espaço territorial, quanto na vida social dos trabalhadores que migraram em busca de melhores condições:

Talvez o emprego do termo “exploração” se confunda dentro desse ciclo predatório, pois ao explorar o recurso advindo do interior da floresta, esse seringueiro era explorado no seu sistema de trabalho, num acerto de conta que nunca fechava entre ele e sempre em favor do senhor do barracão. Nessa lógica de exploração e explorado na região Amazônica, é possível imaginar que esse maior movimento populacional terminava com a fixação no interior da floresta de forma que esse trabalhador ficava incapaz de retornar para sua terra e muito menos se fixar na cidade como Manaus. O que é visto nessa situação é que foi encampada pelo governo uma política estratégica de migração no interior de duas regiões não para fortalecer e expandir o espaço urbano da cidade, mas de querer resolver dois problemas a qualquer custo que se configurava na época: livrar o nordestino da seca severa e da pobreza e alavancar a produção de um recurso natural da qual a sua procura estava em alta no mercado internacional (Scudeller e Silva, 2022, p. 4).

Este momento de atração foi rompido somente em 1911, com a inserção de sementes gomíferas no sudeste asiático, contrabandeadas pela Inglaterra. Com uma nova fonte de borracha no mercado, houve uma desarticulação da produção gomífera nortista, dando início assim a uma crise que colocou os governos estaduais a buscarem soluções que mantivessem a região, dependente do capitalismo internacional (Leal, 2000). O destaque econômico se repete novamente no período durante a Segunda Guerra Mundial, com a região sendo a principal fornecedora de borracha para os países Aliados. Com o fim da guerra, a exportação amazônica novamente entra em decadência:

Mais uma vez sem planejamento adequado e incentivo que pudesse assegurar de forma definitiva sua exploração e garantir de forma permanente ao mercado internacional, a produção asiática mais competitiva enfraqueceu a exportação amazônica e novamente houve o declínio da produção (Scudeller e Silva, 2022, p. 5).

Assim como o primeiro ciclo, esse período não levou benefícios duradouros para a região. A riqueza, além de temporária, era concentrada numa burguesia regional, incapaz de impulsionar um desenvolvimento econômico regional significativo. Desse modo, não houve criação de uma base sólida para uma indústria que pudesse manter as principais metrópoles, como Belém e Manaus, com uma economia integrada no capitalismo global:

A riqueza econômica gerada pela exploração da borracha não foi só altamente centralizadora e efêmera, como também não permitiu o desenvolvimento regional capaz de criar uma matriz que pudesse consolidar uma Amazônia industrial urbana com força de manter com identidade própria as cidades sedes Belém e Manaus com uma economia perene, ao ponto de exercerem seus papéis como na época da borracha, como centro administrativo financeiro e de exportação para os grandes centros consumidores da Europa e Estados Unidos (Scudeller e Silva, 2022, p. 6).

A partir disso, com o intuito de manter a integridade econômica no Norte, a construção da ligação rodoviária Belém-Brasília, somado ao golpe militar de 1964, proporcionaram um

ambiente propício para a continuidade da exploração dos recursos amazônicos pelo capital (Leal, 2000). Nesse contexto, os objetivos institucionais passam a atender as necessidades de uma burguesia internacional e nacional, inaugurando assim uma série de reformulações governamentais que estimularam uma corrida às terras por grandes grupos econômicos, e aprofundando as medidas exploratórias ali presente

Assim, a Amazônia, hoje, é um espaço onde ou se gera uma produção supérflua, ou onde se produz um saque modernizado e eficiente dos recursos naturais necessários à Acumulação, controlado pelas grandes corporações capitalistas. Madeira, minérios, hidroenergia, são alguns desses recursos empacotados em massa e exportados a preços aviltados, e cuja receita, por maior que seja, é inexpressiva ante a magnitude da descapitalização ecológica e de riquezas naturais que provoca. Mais uma vez, a grande maior parte da sociedade regional está à margem dos benefícios que esse processo gera. Quem os apropria regionalmente é uma reduzidíssima minoria de privilegiados, que controla subsidiariamente a exploração dos recursos naturais e a exploração da força de trabalho da Região. São os representantes, dirigentes e defensores das corporações internacionais, grandes fazendeiros, empresários, latifundiários, profissionais liberais e funcionários públicos integrados aos esquemas de corrupção e favorecimento que esse sistema incorpora (Leal, 2000, p. 40).

A história da região Norte brasileira revela um cenário marcado por desigualdades e exploração, principalmente graças aos atores que moldaram sua integração no sistema capitalista e impactaram diretamente as dinâmicas sociais e econômicas que persistem até os dias atuais. Nesse sentido, vivenciando um território explorado por grandes corporações capitalistas, e notando na sua realidade os benefícios desses processos direcionados especificamente a uma minoria privilegiada, Victor Xamã consegue trazer em suas letras questões discutidas por autores acadêmicos.

Na primeira obra analisada, o single intitulado como “Aula de Geografia”, lançado em 2020, Victor Xamã aborda sobre o Norte brasileiro com os seguintes versos:

Na cidade quente eu trajo preto
Na cidade quente eu trajo preto
Na cidade quente eu trajo preto
Na cidade quente eu trajo preto
Uô, vem, vem (Vem)Yeah yeah yeah
Quasi, Quasi, 2-0-8-8, ei ei ei

Na cidade quente eu trajo preto
Nas minhas veias, um rio negro
Nos meus olhos, flores tropicais de cores fortes pegam fogo
Na cidade quente eu trajo preto
Nos meus olhos é fogo, fogo, fogo, uou

Se fiz por onde, gratifique-me
Seu MC favorito pediu beat
Tomou ayahuasca no purple drink
V Xamã nas torres de Maverique

V Xamã na base fazendo drift
Multiplica, plana, pisa, agride
Esses rappers sem tempero petrificam cedo, sei que sentem medo de uô
Versatilidade, o norte é um perigo
Como conseguem ser tão postiços?
Fui pro sudeste, percebo, faltou aula de geografia pruns primo e uou
Fui pro nordeste, percebo, faltou aula de geografia pruns primo e
Não fui pro sul, pro centro, percebo, faltou aula de geografia

Na cidade quente eu trajo preto
Nas minhas veias, um rio negro
Nos meus olhos, flores tropicais de cores fortes pegam fogo
Na cidade quente eu trajo preto
Nos meus olhos, é... Fuego, fuego, fuego

Pergunta nas áreas quem veio primeiro
Rap no norte não é desemprego
Quando eu rimo, movo objetos, luzes desligam e ligam, sem exagero
Eu quero tudo, é sem meio termo
Pergunta nas áreas quem veio primeiro
Rap no norte não é desemprego
Rap no norte não é desemprego
Se fiz por onde, gratifique-me
Se fiz por onde, gratifique-me
(Xamã, 2020).

Através de metáforas demonstrando sua conexão com a região Norte do Brasil, Xamã cita o uso do preto em seu traje, simbolizando uma espécie de luto pela perda da biodiversidade, enquanto os versos as "flores tropicais de cores fortes pegam fogo" indicam a destruição das riquezas naturais por meio das queimadas. De acordo com dados do "Programa Queimadas", do Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (Inpe), a região Norte enfrenta uma crise ambiental alarmante. O estado do Amazonas registrou um aumento significativo no número de queimadas, atingindo um total de 6.991 focos até 29 de setembro, o pior resultado de 2023. O número de queimadas acima da média também foi observado em outros estados da região Norte, como Acre, Rondônia, Roraima, Pará, Maranhão, Amapá e Tocantins (G1, 2023). Esse aumento ocorre em meio a uma seca severa e a anos de desmatamento em alta na região.

O fogo, muitas vezes utilizado para limpar áreas desmatadas para atividades agrícolas, somado à fumaça resultante das queimadas, afeta diretamente a qualidade do ar. Recentemente, como aponta a notícia publicada pela Veja (2023), em Manaus foi registrado a terceira pior qualidade de ar do mundo, com base no índice World Air Quality Index (WAQI), que mostra a qualidade do ar em tempo real. A atribuição dada a Manaus revela a classificação mais alta de risco à saúde, ficando atrás apenas de Chikkamagaluru, na Índia, e Talang Betutu Palembang, na Indonésia.

A inserção do verso "Versatilidade, o norte é um perigo" por parte do artista parece sugerir uma alusão aos ciclos gomíferos de prosperidade e declínio que permearam o legado histórico da região. Tal como discutido por Leal (2000) e Scudeller e Silva (2022), esses ciclos representaram a intrusão capitalista exploratória no Norte. Uma vez esgotados os recursos de interesse econômico de acumulação, a migração do boom econômico para outras regiões torna-se uma prática previsível, deixando o Norte em um estado de profunda desigualdade socioeconômica, bem como característica do movimento capitalista, descrito por Peck (2021).

No refrão, que carrega o nome da música, Xamã aponta diretamente para as outras regiões brasileiras e com as palavras "faltaram aula de geografia", denota a ausência ou deficiência na educação geográfica, resultante em uma compreensão superficial e estereotipada do Norte brasileiro. A partir disso, é possível analisar diversas questões a serem discutidas sobre o que o artista consegue englobar com tais versos. Seria uma crítica direta à falta de acesso e procura por informações perante as outras regiões? Leal (2000) descreve sobre o potencial produtivo apresentado pela Amazônia e também pela região Norte como um todo, que é claramente ignorado pelo restante do país:

(...) o extraordinário potencial produtivo agregado à Região durante todos estes períodos da sua história, mormente durante o período militar. A capacidade produtiva social da Amazônia, hoje, faz dela um espaço de enormes possibilidades de desenvolvimento. A parte ocidental possui um parque industrial moderno, a despeito da sua aparente defasagem em relação às estruturas produtivas do Primeiro Mundo, ou, mesmo, do Sul, ou do Terceiro Mundo industrializado. Mesmo nessas condições, esse complexo industrial pode ser ajustado com facilidade aos desenvolvimentos técnicos que se produzem sobre as estruturas produtivas a nível mundial, e manter-se como um verdadeiro polo produtivo em função das necessidades sociais do país e da região (Leal, 2000, p. 40).

Além também dos grandes projetos na região oriental, como a mineração e projetos metalúrgicos, bem como fontes de energia como a Usina Hidrelétrica de Tucuruí, que representam oportunidades significativas de obtenção de recursos e desenvolvimento regional:

O mesmo ocorre com os polos produtivos existentes na parte oriental, onde as formidáveis estruturas-enclaves que são os Grandes Projetos representam um segmento moderno e importante de intervenção sobre a Natureza e obtenção de recursos naturais, que, se usados sob a orientação do bem-estar e interesse social, podem, igualmente, converter-se em agentes do desenvolvimento, e não do saque. Os projetos mineiros, como a Mineração Rio do Norte ou os Carajás, projetos metalúrgicos como a ALBRÁS e ALUMAR, complexos produtivos como a JARY, gigantescas fontes de energia como o Tucuruí, incorporam uma dimensão concreta e de grande tamanho às perspectivas do desenvolvimento real (Leal, 2000, p. 40-41).

Pode-se interpretar também o “faltar aula de geografia” como resultado da negligência histórica por parte das entidades governamentais, os que agrava os persistentes índices de desigualdade social que atravessam a população nortista? Em continuidade às mesmas discussões, Victor Xamã lança, em 2021, a música “Calor”, que também dá nome ao álbum em que faz parte. Este novo trabalho destaca colaborações com nomes do hip-hop brasileiro, como Baco Exu do Blues, Froid, Nic Dias e Anne Jezini. Para além da música, V. Xamã expressa sua indignação com a situação atual da região Norte e sublinha a frequente negligência (Estado de Minas, 2021). Dessa vez, o artista engloba novas discussões sobre o Norte em suas letras, com as seguintes palavras:

Pro Brasil o Norte é invisível
Passeio pra gringo
Parquinho pro crime
Artistas brigando entre si
Cegos não percebem o real enemy

Pro Brasil o Norte é invisível
Passeio pra gringoParquinho pro crime
Cegos não percebem o real enemy
Cegos não percebem o real enemy
Cegos não percebem

VXAMÃ tá louco!
Quem és tu que diagnostica?
As ruas da proximidade me lembram a Guernica
Rima como as minhas poucas mentes fabricam
Os manos balançam a cabeça no sinal positivo

Levaram meus escritos a sério
No meu caderno um raro minério
Um colapso no mundo moderno
Morrer é parecido com trocar de CEP
Deuses falam comigo nas entrelinhas dos raps

Não estou sendo convencido
Ei! Não serei breve
Estou apenas começando
Só estou te convencendo
Antes que o mundo quebre
Quem se atreve a se desdobrar pra que a semana prospere?

Buscando sentido pro que ando sentindo
O aperto de mão pode ser o bote da víbora
Na verdade, a cidade é uma estante de livros
Com histórias não lidas, não ouvidas, vividas desde o princípio

Rapidamente procria mentira
Furtaram minha inocência esse mundo é um larápio
Uma dúvida me tira? Tem ilusão no cardápio?
Fica de bico calado lábios no abiu

Pés no abismo

Distante desse eurocentrismo
Que aprisiona o indivíduo
Na sala de vidro
Que aprisiona o indivíduo
No incompressível
Na prisão de carne e osso habita um monstro invisível

Me mataram de novo e eu nem senti as bala
O corpo de mais um preto jogado na vala
Camburão mundo moderno me lembra a senzala
Roubaram minha humanidade e ainda me pedem calma?

Geladeira vazia, céu sangrou naquele dia
Eu e ela no mundo, as lágrima escorria
O peso de uma vida que só nós sabia
Ombros com dores demais, só ela sentia

Preto tá fazendo dinheiro, é mercado negro
Já derrotei o mundo, nego, eu não sinto medo
Mataram meu irmão só por ter nascido preto
Não sinto pena desses verme, não tenho respeito

Acha que bater em mulher tá fazendo teu nome
Filha da puta, eu sou mais mulher que muito homem
Correndo maratona e nem sou atleta
Tipo o pretinho na bike fugindo dos pela

Avisa sua mãe que eu lamento o choro
Nóis tá cobrando o que cês deve e eu quero tudo em dobro
Meu inimigo é o estado, não boy emocionado
Só num encosta na minha pele, brilha tipo placo
Esquerda de boy, caviar e beck
Enquanto a pele preta é alvo dos moleque
Dor de séculos, não cabe num sarau
Mãe, eu tô na Vogue e não na página policial

Pro Brasil o Norte é invisível
Passeio pra gringoParquinho pro crime
Cegos não percebem o real enemy
Cegos não percebem o real enemy
Cegos não percebem
Pro Brasil o Norte é invisível
Passeio pra gringoParquinho pro crime
Cegos não percebem não
(Xamã, 2021).

Colocando o Norte como invisível ao restante do país, o rapper faz referência direta às disparidades regionais, e mesmo que lançado em 2021, através de notícias disponibilizadas nos meios de comunicação, é possível visualizar na prática que o Norte ainda é invisível para o Brasil em muitas questões. Como na crise de oxigênio que ocorreu no estado do Amazonas, em janeiro de 2021, quando houve a falta do mesmo em Manaus, durante o auge da segunda onda da pandemia de Covid-19, episódio este descrito como um dos momentos mais tristes da pandemia no Brasil, com relatos de pacientes morrendo asfixiados devido à escassez do insumo essencial para o tratamento da doença (G1, 2022). Ou pelo blecaute em diversos

estados da região Norte, como o Amazonas, Pará, Acre, Tocantins, Rondônia e Amapá, em 2023, em que a falta de energia afetou milhares de pessoas (Amazônia Real, 2023). Ou, ainda, o contraste com as regiões Sul e Sudeste, no que diz respeito à cobertura de saneamento básico, Enquanto as regiões Centro-Oeste, Sul e Sudeste têm níveis de cobertura iguais ou acima de 90%, a região Norte ainda apresenta índices consideravelmente mais baixos (Agência Brasil, 2024). Ou, até mesmo, na relação pobreza e educação, onde o acesso à educação de qualidade é afetado diretamente, somado a falta de políticas públicas efetivas para as áreas rurais e ribeirinhas, onde a educação disponibilizada muitas vezes não está alinhada com a realidade e com as necessidades dessas comunidades (Agência Cenarium, 2024). Podem-se citar, ainda, as profundas desigualdades regionais existentes no acesso à internet e tecnologias da informação: o Norte apresenta apenas 11% da população desfrutando de uma conectividade considerada satisfatória, em contraste com as regiões Sul e Sudeste, que apresentaram os melhores índices, com 27% e 31% da população (InMagazine, 2024).

Essa realidade também é vista no Norte emergindo como “Passeio para Gringo”. O exemplo mais recente que possamos pensar é a visita de Emmanuel Macron, presidente da França, na Amazônia Brasileira, firmando um acordo bilionário para a sustentabilidade na região (Brasil de Fato, 2024). Cabe o questionamento, isso é possível na realidade do regime de acumulação? Ou apenas funciona como meio divulgador de propagandas políticas?

O empresário estadunidense Elon Musk também vem demonstrando intenso interesse no Norte Brasileiro. Com o discurso de fornecer serviços de internet via satélite por meio de sua empresa, StarLink, Musk se camufla atrás de seu real interesse: a flexibilização da exploração de recursos naturais em terras indígenas promovida pelo governo brasileiro (DemocraciaAbierta, 2022). Além disso, Elon Musk influencia o garimpo na Amazônia por meio da sua empresa SpaceX, que fornece serviços de internet via satélite por meio da Starlink. Tal conectividade tem sido utilizada por garimpeiros na região em suas operações ilegais. A apreensão de 24 antenas da Starlink durante uma operação da Polícia Federal na Terra Indígena Yanomâmi evidencia como esses equipamentos estão sendo utilizados para auxiliar as atividades ilegais (O Globo, 2024).

O “Norte como parquinho para o crime” foi muito bem discutido pelo geógrafo Aiala Colares Couto, pesquisador do Fórum Brasileiro de Segurança Pública. Em entrevista para a BBC News Brasil, empregando o termo “narcoecologia”, o pesquisador ressalta que, no Norte, o narcotráfico atua como financiador de atividades ilegais, como desmatamento, grilagem de terras, garimpo em terras indígenas e extração ilegal de madeira, visto que as organizações criminosas perceberam que essas atividades ilegais são lucrativas e ajudam na

lavagem de dinheiro. Em decorrência disso, entre 1980 e 2019, a taxa de homicídios na região Norte cresceu 260%, enquanto no Sudeste houve uma queda de 19% (BBC News Brasil, 2023). Em conjunto a essa problemática, o feminicídio também apresenta dados reveladores: a Região Norte do Brasil foi a segunda mais violenta para mulheres em 2023, com uma taxa de 1,6 feminicídios por 100 mil mulheres. Os estados do Acre, Rondônia e Tocantins apresentaram taxas idênticas de 2,4 mortes por 100 mil mulheres. Enquanto o Acre e o Tocantins viram um aumento nas taxas de 11,1% e 28,6%, respectivamente (Agência Cenarium, 2024).

Desse modo, as letras do Victor Xamã, que vão ao encontro das análises acadêmicas, são capazes de instigar reflexões sobre as causas e consequências de tais problemáticas que perpetuam a sociedade nortista. O rap produzido pelo manauara aparece como uma forma de dar voz a essa região que constantemente parece esquecida pelo resto do Brasil. Xamã, em reconhecimento de sua importância para este cenário, se pronunciou em seu story, no Instagram com as seguintes palavras:

Tenho visto que minhas frases perderam o controle (no bom sentido). Muitos vídeos e dizeres sobre os problemas da Amazônia atualmente sempre mencionando “Calor”, faixa que escrevi com @nicdiasmc, sendo um grande desabafo sobre a invisibilidade da região Norte. A música é pra isso, continuem. E quem me segue e não sabe o que tá acontecendo, pfvr se informe. A situação é de calamidade. Estamos exaustos. É muito frustrante que problemas desse nível não tenham uma comoção nacional! (Xamã, Instagram, 2023, s/p).

Nesse sentido, suas letras e seus posicionamentos demonstram englobar o que alguns chamam de quinto elemento do hip hop, o conhecimento (Teperman, 2015). A forma de conscientização e a discussão levantada em suas letras consegue despertar no público questões que vão desde o imaginário comum, que permeia a região ao longo de séculos, como descreve Silveira (2007), até mesmo as relações de explorações que se desenvolvem em todas as terras que o sistema capitalista impregna, como bem discutidos em Leal (2000), Peck (2022), Bacelar (2000), Scudeller e Silva (2022). Além do que, para seus ouvintes, o rap de Victor Xamã parece transmitir a ideia de que “o norte existe e está vivo”, como bem demonstra as dezenas de comentários de identificação nas redes sociais em que o artista é ativo.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A notoriedade do hip hop e do rap como movimentos sociais consiste em sua capacidade de fornecer reconhecimento para aqueles que frequentemente são excluídos pelas narrativas dominantes. A partir de suas letras, o movimento cria um espaço de resistência e resiliência, onde histórias e experiências de opressão são compartilhadas e validadas (Teperman, 2018). Assim, sua capacidade motivacional é essencial para incentivar ações coletivas e a luta por justiça social.

Através das músicas "Calor" e "Aula de Geografia", Victor Xamã denuncia a fragmentação do Brasil e a exclusão de muitos brasileiros dos benefícios do dinamismo econômico, enfatizando a necessidade de uma maior inclusão e reconhecimento das diversas realidades regionais. Seu rap representa uma ferramenta poderosa para a crítica social e na procura por mudanças, alinhando-se aos objetivos do hip hop como movimento social.

Essas representações não apenas refletem a realidade das desigualdades regionais, mas também servem como um chamado à ação, que incentiva a conscientização e a valorização das vozes e experiências da população nortista. Portanto, a partir de suas letras, V. Xamã contribui para um diálogo mais amplo sobre a necessidade de justiça e igualdade social no Brasil, desafiando os ouvintes a reconsiderar suas percepções, e a também se engajarem em questões sociais.

Além disso, a linguagem do rap, sendo uma forma de expressão popular, faz com que o músico consiga alcançar um público amplo, incluindo grupos marginalizados que vão para além do Norte. Sendo assim, suas letras, que frequentemente criticam a exploração e a desigualdade, podem inspirar ações e mobilizações sociais, incentivando os ouvintes a se engajarem em causas que buscam a valorização e a defesa dos direitos não só das comunidades nortistas, mas de grupos excluídos em geral.

O impacto cultural de seu trabalho também se reflete na forma como ele desafia estereótipos e preconceitos associados à região Norte. Ao apresentar uma narrativa que valoriza a cultura local e expõe as realidades vividas por seus habitantes, o artista contribui para uma reconfiguração da imagem do Norte no imaginário comum, podendo promover uma maior compreensão sobre as diferentes regiões do Brasil.

Assim, suas músicas se tornam um meio de resistência e empoderamento, revelando a complexidade da realidade brasileira e a urgência de abordar as desigualdades regionais. Concluimos que o trabalho de Victor Xamã não apenas ilumina questões sociais críticas, mas também serve como um catalisador para mudanças significativas, promovendo um diálogo necessário diante da realidade social brasileira.

REFERÊNCIAS

AGÊNCIA BRASIL. **Relatório mostra desigualdades regionais no acesso a saneamento.** Fevereiro de 2024. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2024-02/relatorio-mostra-desigualdades-regionais-no-acesso-saneamento>. Postado em 21 de fev de 2024. Acesso em 13 de maio de 2024.

AGÊNCIA CENARIUM. **Como desigualdades regionais explicam disparidades de notas no Enem.** Janeiro de 2024. Disponível em: <https://agenciacenarium.com.br/como-desigualdades-regionais-explicam-disparidades-de-notas-no-enem/>. Postado em 18 de jan de 2024. Acesso em 13 de maio de 2024.

AGÊNCIA CENARIUM. **Feminicídio: Região Norte é segunda mais letal para mulheres no Brasil.** Março de 2024. Disponível em: <https://agenciacenarium.com.br/feminicidio-regiao-norte-e-segunda-mais-letal-para-mulheres-no-brasil/>. Postado em 08 de mar de 2024. Acesso em 11 de maio de 2024.

AMAZÔNIA REAL. **Apagão nacional atinge em cheio o Norte do Brasil.** Agosto de 2023. Disponível em: <https://amazoniareal.com.br/apagao-regiao-norte/>. Postado em 15 de ago de 2023. Acesso em 13 de maio de 2024.

ARAÚJO, Tânia Bacelar de. **Dinâmica regional brasileira nos anos noventa: rumo à desintegração competitiva?** In: CASTRO, Iná Elias; MIRANDA, Mariana; EGLER, Cláudio (Org.). Redescobrimo o Brasil: 500 anos depois. 2. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.

BBC NEWS BRASIL. **Facções controlam o tráfico e financiam crimes ambientais na Amazônia, diz pesquisador.** Março de 2023. Disponível em <https://www.bbc.com/portuguese/articles/cje53pd1337o>. 15 de mar de 2023. Acesso em 11 de maio de 2024.

BOSCARIOL, R. A. **Região e Regionalização no Brasil: uma análise segundo os resultados do Índice de Desenvolvimento Humano Municipal (IDHM).** In: MARGUTI, B. O.; COSTA, M.A.; PINTO, C. V. S. (Org.). Territórios em números: insumos para políticas públicas a partir da análise do IDHM e do IVS de municípios e Unidades da Federação brasileira – livro 1. Brasília: IPEA; INCT, 2017. p. 145-161. Disponível em: <https://repositorio.ipea.gov.br/handle/11058/7978>. Acesso em: 23 mar. 2024.

BRASIL DE FATO. **Em visita de Macron, acordo bilionário para sustentabilidade na Amazônia é a principal vitória da diplomacia brasileira.** Março de 2024. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2024/03/28/em-visita-de-macron-acordo-bilionario-para-sust>

[entabilidade-na-amazonia-e-principal-vitoria-da-diplomacia-brasileira](#). Postado em 28 de mar de 2024. Acesso em 27 de abril de 2024.

DEMOCRACIAABIERTA. **Elon Musk e seus reais interesses na Amazônia e na América Latina.** Maio de 2022. Disponível em: <https://www.opendemocracy.net/pt/elon-musk-reais-interesses-amazonia-america-latina/>. Postado em 27 de mai de 2022. Acesso em 27 de abril de 2024.

ESTADO DE MINAS. **Victor Xamã ergue a voz do Norte do país com 'Calor'.** Março de 2021. Disponível em: https://www.em.com.br/app/noticia/cultura/2021/03/06/interna_cultura,1243874/victor-xama-ergue-a-voz-do-norte-do-pais-com-calor.shtml#google_vignette. Postado em 06 de mar de 2021. Acesso em 27 de abril de 2024.

FECOP. **Região Nordeste possui quase metade de toda a pobreza no Brasil, segundo IBGE.** 20 de novembro de 2020. Disponível em: [https://www.fecop.seplag.ce.gov.br/2020/11/20/regiao-nordeste-possui-quase-metade-de-toda-a-pobreza-no-brasil-segundo-ibge/#:~:text=Conforme%20o%20cálculo%2C%20a%20desigualdade,Norte%20\(2%2C7%25\)](https://www.fecop.seplag.ce.gov.br/2020/11/20/regiao-nordeste-possui-quase-metade-de-toda-a-pobreza-no-brasil-segundo-ibge/#:~:text=Conforme%20o%20cálculo%2C%20a%20desigualdade,Norte%20(2%2C7%25)). Acesso em 10 de julho de 2023.

GALEANO, E. **As veias abertas da América Latina.** Tradução de Galeno de Freitas. 39ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2000. 307p. Título original: Las venas abiertas de America Latina. (Coleção Estudos Latino-Americanos, v.12).

G1. **Com 7 mil focos de queimadas em setembro, Amazonas tem pior mês de fogo no ano.** Outubro de 2023. Disponível em: <https://g1.globo.com/meio-ambiente/noticia/2023/10/01/com-7-mil-focos-de-queimadas-em-setembro-amazonas-tem-pior-mes-de-fogo-no-ano.ghtml>. Postado em: 01 out. 2023. Acesso em 11 de maio de 2024.

G1. **Crise do oxigênio no Amazonas completa um ano com impunidade e incerteza causada pela ômicron.** Janeiro de 2022. Disponível em: <https://g1.globo.com/am/amazonas/noticia/2022/01/14/crise-do-oxigenio-no-amazonas-completa-um-ano-com-impunidade-e-incerteza-causada-pela-omicron.ghtml>. Postado em: 14 jan. 2022. Acesso em 13 de maio de 2024.

G1. **Governadores do Nordeste reagem a fala de Zema sobre consórcio Sul-Sudeste: 'Lampejo separatista'.** Agosto de 2023. Disponível em: <https://g1.globo.com/pe/paranaguá/noticia/2023/08/06/governadores-do-nordeste-reagem-a-fala-de-zema-sobre-consorcio-sul-sudeste-lampejo-separatista.ghtml>. Postado em: 06 ago. 2023. Acesso em 13 de maio de 2024.

GOHN, M. DA G.. **Movimentos sociais na contemporaneidade**. Revista Brasileira de Educação, v. 16, n. 47, p. 333–361, maio 2011.

GOMES, P. C. C. **O conceito de região e sua discussão**. In: CASTRO, I. E. et al. Geografia: conceitos e temas. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995. p. 49-76.

HYPENESS. **Fomos conversar sobre arte urbana com o mestre do graffiti Zezao**. Setembro de 2015. Disponível em: <https://www.hypeness.com.br/2015/09/entrevista-hypeness-fomos-conversar-sobre-arte-urbana-com-o-mestre-do-graffiti-zezao/>. Publicada em 23 de setembro de 2015. Acesso em 13 de maio de 2023.

INMAGAZINE. **Conectividade no Brasil revela profundas desigualdades regionais**. Abril de 2024. Disponível em <https://inmagazine.ig.com.br/noticias/conectividade-no-brasil-revela-profundas-desigualdades-regionais/>. Postado em 16 de abr. de 2024. Acesso em 13 de maio de 2024.

LEAL, Aluizio Lins. **Uma sinopse histórica da Amazônia (uma visão política)**. s/d. mimeo.

O GLOBO. **Entenda os negócios de Musk na Amazônia e como eles ajudam o garimpo**. Abril de 2024. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/brasil/noticia/2024/04/13/entenda-os-negocios-de-musk-na-amazonia-e-como-eles-ajudam-o-garimpo.ghtml>. Postado em 13 de abr. de 2024. Acesso em 11 de maio de 2024.

PECK, Jamie. **Desenvolvimento regional desigual**. E-metropolis, n° 48, 2022. Disponível em: http://emetropolis.net/system/artigos/arquivo_pdfs/000/000/370/original/emetropolis48_artepa.pdf?1663095306. Acesso em 10 de maio de 2024.

SILVA, J. R. C. da; SCUDELLER, V. V. . **Os ciclos econômicos da borracha e a Zona Franca de Manaus: expansão urbana e degradação das microbacias**. Research, Society and Development, [S. l.], v. 11, n. 6, p. e33611629103, 2022. DOI: 10.33448/rsd-v11i6.29103. Disponível em: <https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/29103>. Acesso em: 11 maio. 2024.

SILVEIRA, Sirlei Aparecida. **Amazônia: mito e história**. XXVI Congreso de la Asociación Latinoamericana de Sociología. Asociación Latinoamericana de Sociología, Guadalajara, 2007, p. 1-8.

SMITH, Neil. **Uneven Development**. Athens, GA: University of Georgia Press, [1984] 2008.

SOCIOAMBIENTAL. **Brô Mc's é o primeiro grupo de rap indígena a se apresentar no Rock in Rio.** Setembro de 2022. Disponível em: <https://www.socioambiental.org/noticias-socioambientais/bro-mcs-e-o-primeiro-grupo-de-rap-indigena-se-apresentar-no-rock-rio>. Postado em: 01 set. 2022. Acesso em 11 de maio de 2024.

RODRIGUES, G. B. ; SOUZA, Marcelo Lopes de . **Planejamento urbano e ativismos sociais.** São Paulo: Unesp, 2004.

TEIXEIRA, Alison Nascimento. **O RAP na Geografia: possibilidades de mediação do conhecimento e ensino de Geografia a partir da periferia.** 2020. 124 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2020. DOI <http://doi.org/10.14393/ufu.di.2020.258>

TEPERMAN, R. I. . **Se liga no som: as transformações do rap no Brasil.** São Paulo: ClaroEnigma, 2015.

VEJA. **Manaus registra a terceira pior qualidade do ar do mundo nesta quarta.** Outubro de 2023. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/ciencia/manaus-registra-a-terceira-pior-qualidade-do-ar-do-mundo-nesta-quarta#:~:text=Na%20tarde%20desta%20quarta-feira,alta%20de%20risco%20à%20saúde>. Postado em: 11 out. 2023. Acesso em 11 de maio de 2024.